

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA
31 de maio de 2025

A ILHA DOS CÃES / 2017

Um filme de Jorge António

Realização: Jorge António / *Produção:* Ana Costa / *Argumento:* Jorge António, Paulo Leite, Virgílio Almeida, baseados no romance *Os Senhores do Areal* de Henrique Abranches / *Direção de Fotografia:* Tony Costa / *Montagem:* Filipe Roque do Vale / *Música:* José de Castro / *Figurinos:* Sílvia Grabowski / *Efeitos Visuais:* Pedro Louro / *Direção de Produção:* Catarina Gaspar / *Produção Executiva:* Luís Gaspar / *Coordenação de Produção:* Sónia Costa / *Assistência de Realização:* João Roque / *Chefia de Produção:* Margarida Saldanha, Teresa Rafael, Sebastião “Gabi” Chitalo / *Assistência de Produção:* Waciley Bandeira, Eneias Silva, Derlinger Bandeira, Oswaldo Quaresma / *Interpretações:* Ângelo Torres (Pera D’Aço), Miguel Hurst (Pedro Mbala), Nicolau Breyner (Américo), João Cabral (Guarda Bordalo), José Eduardo (Fontes), Ciomara Morais (Lena), Daniel Martinho (Garcia), Welket Bungué (Mpenda), Matamba Joaquim (Tomé), Miguel Sermão (Tomás), Júlio Mesquita (Finalmentes), Giovanni Lourenço (Julito), Guilherme Galiano (Administrador) / *Cópia:* Digital, a cores, falado em português / *Duração:* 77 minutos / *Estreia Mundial:* 25 de fevereiro, 2017, Fantasporto / *Estreia Nacional:* 20 de abril, 2017 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Com as presenças de Jorge António e de Ângelo Torres.

Num filme fantástico baseado num *overlapping* temporal produzido entre o passado colonial e o presente economicamente eufórico, e desregulado, de Angola, não deixa de ser curioso verificar que a primeira grande ficção começa na representação do território propriamente dito, já que Jorge António decidiu criar a sua “ilha dos cães” em São Tomé e Príncipe, mesmo que situe a ação pró-filmica em território angolano. A propósito do lançamento do segundo volume do livro que coordenou com Maria do Carmo Piçarra, *Angola: O Nascimento de Uma Nação*, Jorge António invocou, em entrevista televisiva (programa Mar de Letras, RTP África, 24 de fevereiro de 2014), o texto de Tiago Baptista «A ficção portuguesa filmada em Angola (1940-1973)», publicado no primeiro volume do referido livro, para afirmar a fraca presença da ficção na história do cinema angolano até à Libertação do país. A falta de ficção é, assim, apontada como uma das razões para a pouca visibilidade e a ainda frágil dimensão, tanto externa quanto interna, do cinema angolano.

Em certo sentido, ao explorar o género fantástico de horror, **A Ilha dos Cães** corporiza, de algum modo, o anseio em levar a ficção até ao limite, começando no território reinventado de uma ilha angolana à mercê da lei bárbara do colonialismo português (as cenas de tortura na cela podem remeter-nos para os filmes de Sarah Maldoror, sobretudo **Sambizanga** [1972]) e culminando na ambiciosa proposta de entretecer tempos, estabelecendo uma sutura, em montagem alternada, entre os anos de 1955 e 2015. Porque, à imagem da pele negra cada vez mais “esbranquiçada” do protagonista, um laçao ao serviço dos interesses do grande capital imobiliário que visa desfigurar – e pilhar – a paisagem natural, o perigo de se perpetuarem os abusos do colonialismo por outros meios, em que o caçado vira caçador, surge como uma ameaça quase tão grande e quase tão grave quanto outrora foram os abusos cometidos pelos portugueses naquele território e contra aquelas pessoas. É isso que esta alegoria histórica, em jeito de fábula negra gótica, algures entre os filmes

da Hammer, os feitos por Jacques Tourneur para Val Lewton e, mais contemporaneamente, as fábulas desencantadas e “sintomáticas” de M. Night Shyamalan, põe “em carne viva” de maneira por vezes explícita, ainda que, do ponto de vista da sua gramática fílmica, quase sempre António recorra à figura da elipse ou a jogos de sombra clássicos.

A propósito desse cruzamento de tempos e da sugestão de um certo “realismo fantástico” preponderante nos seus filmes, Jorge António esclareceu-nos em entrevista concedida para efeitos de redação desta Folha de Sala o seguinte: “Os sonhos, pesadelos, fantasia, estão sempre presentes nos meus filmes. É algo intrínseco à minha natureza. Sim, interessa-me a fantasia antes do realismo, num sentido de poder funcionar como um impulso criativo e usar o imaginário como uma forma de liberdade para compreender o real. Eu devo muito ao meu avô que era um contador de histórias incrível”. O avô de António aparece, durante breves instantes, na sua curta inaugural, **O Gato Preto** (1986-2010), remontagem de imagens capturadas em Super 8 nos tempos da sua juventude. “A minha família vem do campo, do interior de Portugal. Então, passei na minha infância muitos dias com ele e muitas noites num ambiente de sombras de lareira e de candeeiros a petróleo a ouvir todo o tipo de histórias. As minhas preferidas eram as de carácter sobrenatural, claro!” Ainda sobre este fascínio pelo fantástico (recorde-se que, muito apropriadamente, **A Ilha dos Cães** teve a sua estreia internacional no Fantasporto), o cineasta conta uma história assaz reveladora: “Mais tarde, lembro-me que na entrevista de acesso para o meu curso da Escola de Cinema em 1985 surpreendi o júri (Victor Gonçalves, Jorge Silva Melo, Seixas Santos que depois foram meus estimados professores), quando lhes disse que um dos meus cineastas preferidos era o Tod Browning. Sempre me fascinaram histórias e personagens que colocam em questão a normalidade ou o próprio real.”

Face a esta inclinação natural para o questionamento do real, não surpreende o interesse de António pelo texto e universo do escritor angolano Henrique Abranches, em particular pela obra que aqui se propõe adaptar. Em entrevista conduzida por Maria do Carmo Piçarra, publicada no terceiro volume do livro supracitado («Filmar [em] Angola: Entrevista de Maria do Carmo Piçarra a Jorge António»), o realizador explicou do seguinte modo a particularidade da sua relação com a escrita de Abranches: “Os seus romances transportam-nos sempre para mundos fantásticos. Eu costumo compará-lo ao Tolkien. (...) [O filme, ao contrário da obra literária] transporta-nos para um lado mais animista e místico da relação Homem/Natureza. (...) Vamos ver como fica e tentar não defraudar a inventividade e memória de Henrique Abranches”.

Ora, a mais poderosa conclusão de **A Ilha dos Cães** traduz de maneira eloquente essa ideia de que o colonialismo, esse “subtexto” temporal e histórico, arrisca a ser metamorfoseado numa nova forma de exploração do Homem pelo Homem; num “monstro” chamado “capitalismo selvagem”. Neste particular, é relevante a curta, mas significativa, aparição de Guilherme Galiano no papel do CEO déspota da empresa de construção que pretende “arrasar”, sem apelo nem agravo, com a paisagem verdejante da ilha onde o filme se desenrola para aí edificar um *resort* de luxo. Eis, enfim, a “nova normalidade” a ressuscitar horrores antigos que ainda correm nas veias – e marcam a pele – de “quem se lembra”; de quem foi marcado – e ainda carrega na memória – os maus-tratos infligidos pelo colono. Logo a abrir, Nicolau Breyner, na sua última aparição no grande ecrã, surge na pele do fazendeiro Américo, personagem que diz ser “o diabo”. E, de facto, ele tem-no no corpo, como se vê pela maneira como trata, ou melhor, como *destrata* a população negra ao seu serviço.

Breyner, ator que sempre soube conferir intensidade às suas “máscaras”, prepara o terreno para essa equiparação, finalmente conseguida, entre as forças malévolas (mas salvíficas também) investidas nos cães que habitam a ilha – que lembram um filme adaptado de um livro de Stephen

King, **Cujo** (1983) de Lewis Teague, e que, na sua ação, invertem a lógica racial de uma obra-prima como **White Dog** (1982) de Samuel Fuller – e a violência perpetrada durante a colonização branca. Conta António que, a dado momento na preparação do filme, “[viajou] para Luanda e depois para S. Tomé umas semanas antes das filmagens e [enviou] uma mensagem do género ‘Nico, queres fazer o papel de patrão. Acho que podes ser tu e além disso adoras S. Tomé. Passas uns dias connosco’. No dia seguinte, enviou-me uma fotografia dele careca com um chapéu colonial e o dedo médio espetado.” Do mesmo modo e apesar de todas as metamorfoses desta ficção desbordante, **A Ilha dos Cães** estica o dedo do meio ao presente perante um passado não resolvido ou em risco de ficar esquecido. E fá-lo ou pretende fazê-lo de maneira *realmente* provocante.

Luís Mendonça